

REPRESENTAÇÃO SOCIAL E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Autoria: Rosana Córdova Guimarães, Aida Maria Lovison

RESUMO

Esta pesquisa descritiva possui como questão norteadora a representação social que os alunos de Administração de uma universidade pública fazem de quem é o administrador. Realizou-se uma apresentação da Teoria das Representações Sociais, do contexto do surgimento do profissional e do curso de Administração, da conduta ética e da consciência crítica. Foram aplicados questionários e observou-se um grupo focal com alunos pertencentes a grupos de liderança da instituição. A metodologia escolhida foi análise de conteúdo. Os resultados mostram os desafios para o futuro administrador, e a relação entre o desempenho da atividade profissional com a formação universitária.

1 Introdução

O ponto de partida deste artigo é o futuro administrador, ou seja, o aluno do Curso de Graduação em Administração. A partir de nossa inserção, várias perguntas sobre este universo surgiram: Quem é o aluno da Administração? Em qual sociedade está inserido? O que defende e no que acredita?

Para tanto, foi realizado uma pesquisa sobre os principais elementos da Teoria das Representações Sociais, delineado o contexto do surgimento do profissional e do Curso de Graduação em Administração no Brasil, para, então, se deter na reflexão sobre a conduta ética, existencialmente fundada na *práxis* e no exercício da consciência crítica. Os elementos para a análise foram obtidos através da aplicação de questionários e realização de um grupo focal com alunos pertencentes a grupos de liderança da instituição.

A partir da Teoria das Representações Sociais é possível realizar uma aproximação com o sujeito-objeto de pesquisa, de modo que a sustentação para tal aproximação decorra de conceitos-chave como a contextualização da sociedade contemporânea e a formação do sujeito provido de uma consciência crítica, aliados à pesquisa empírica. Face à distinção aqui referida entre os conceitos de *práxis* e atividade, pergunta-se: **Qual destes dois conceitos – *práxis* e atividade – está no fundamento da representação que os alunos atualmente se fazem de quem é o administrador?**

A Faculdade de Administração em questão originou-se da Faculdade de Ciências Econômicas, em 1951, e em 1996 separou-se do núcleo de origem, mantendo, desde então, cursos em nível de graduação, pós-graduação, além das atividades de pesquisa e extensão. Todos os anos, através do concurso Vestibular Unificado, ingressam no Curso de Graduação em Administração – Modalidade Presencial – 240 novos alunos.

Ao refletir sobre *Os enigmas da modernidade-mundo*, Ianni (2000) defende a tese de que atualmente vivemos um desencantamento do mundo que traz consigo o processo de alienação. Essa alienação e sofrimento tomam o lugar que deveria ser ocupado pelo esclarecimento e emancipação. Há uma crescente incorporação de conhecimentos científicos pela sociedade, a tradução de ciência em técnicas, que implica uma subordinação do sujeito e de coletividades às organizações, às burocracias e aos sistemas.

É esta preocupação voltada à formação de indivíduos portadores de uma consciência crítica acerca de si mesmos e do mundo que motiva o desenvolvimento de uma pesquisa, cujo objetivo, no horizonte imediato, é disponibilizar elementos fundamentais sobre o estado da arte do processo de formação no Curso de Graduação em Administração.

2 O que são as representações sociais?

Moscovici (2003) introduziu o conceito de representação social por meio de um estudo pioneiro sobre o modo pelo qual a psicanálise adentrou o pensamento popular na França. O autor abre a discussão dando de imediato uma pista sobre o que são – ou do que talvez sejam – as representações sociais:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados. (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

Devemos compreender que a representação social pode ser encarada como possuidora de uma textura psicológica autônoma, como também trata de ser própria de nossa sociedade e de nossa cultura. Conforme Moscovici, as representações individuais ou sociais

fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser. Logo, o trabalho de representação se constitui em atenuar as estranhezas, de modo a introduzi-las no espaço comum, promovendo o encontro de visões separadas que, num certo sentido, se procuram (MOSCOVICI, 1978).

Moscovici (2003) avança e sumariza o que ele considera ser a finalidade das representações: tornar familiar algo não-familiar. Quando o autor fala de uma relação de familiaridade e não-familiaridade, ele se refere a uma situação na qual os universos consensuais são aqueles em que nós, indivíduos, nos sentimos “em casa”, em segurança, longe de qualquer conflito ou atrito.

Há outros dois conceitos fundamentais para a Teoria das Representações Sociais: a **ancoragem** e a **objetivação**. Bauer e Gaskell (1999) afirmam que estes conceitos estão relacionados, na medida em que, através da ancoragem e da objetivação, as representações familiarizam o que era, até o presente momento, não familiar. Dessa forma, a ancoragem envolve a nomeação e a classificação de idéias, coisas e pessoas, e a objetivação solidifica e torna tangível a nova idéia potencialmente abstrata e ameaçadora (BAUER; GASKELL, 1999).

Por meio da ancoragem há a categorização de alguém ou alguma coisa através da escolha de um dos paradigmas estocados na nossa memória e, dessa forma, estabelecemos uma relação positiva ou negativa com ele (MOSCOVICI, 2003, p. 63). Quando algo não está classificado em nossa mente, se torna ameaçador, pois nos é estranho, fazendo com que se sinta uma resistência. Para a superação dessa resistência, em busca de uma conciliação com um objeto ou pessoa, buscamos uma categoria, um rótulo, no intuito de torná-lo conhecido. Assim, “pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dar nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo” (MOSCOVICI, 2003, p. 62).

Logo, a partir dessas explicações, podemos concluir que: a teoria das representações exclui a ideia de que possa ou venha a existir pensamento ou percepção desprovido dessa condição de ancoragem. Além disso, também é possível concluir que os sistemas para classificar e nomear não são apenas meios para graduar e rotular pessoas ou objetos.

Portanto, a “fabricação” de conceitos ocorre por causa da necessidade de tornar tangíveis, visíveis e semelhantes “(...) as idéias e seres que nós já integramos e com os quais nós estamos familiarizados”. De certa maneira, são mudadas as representações que já existiam anteriormente e são modificadas ainda mais aquelas entidades que precisam ser representadas, adquirindo uma nova existência (MOSCOVICI, 2003, p. 70).

O processo de objetivação, para Moscovici, faz com que se torne real um esquema conceitual, no qual uma imagem possua uma contrapartida material. Ou seja, há uma união entre a idéia de não-familiaridade com a de realidade e, desse modo, torna-se a essência verdadeira da realidade.

Assim, para melhor adentrar na realidade que hoje configura o trabalho de representação realizado pelos estudantes do Curso de Graduação em Administração da universidade pública estudada, é imprescindível delinear o contexto em que surgem os cursos de Administração, com atenção especial à ênfase dada a formação desse profissional na realidade brasileira.

3 A sociedade industrial: cenário do surgimento da ciência administrativa e dos administradores

A sociedade atual parece excluir dos seus horizontes de possibilidade a necessidade de formar agentes empenhados na transformação das condições históricas que os instrumentalizam. Marcuse (1969), ao caracterizar o que ele denominou de Sociedade Unidimensional, aponta o desenvolvimento capitalista como o responsável pela alteração da estrutura e função das classes básicas – burguesia e proletariado – de modo que as duas

classes, antigos antagonistas, deixaram de representar um meio de mudança histórica. Desse modo, “na falta de agentes e veículos de transformação social, a crítica é, assim, levada a recuar para um alto nível de abstração” (MARCUSE, 1969, p. 16).

Na medida em que estamos falando de uma sociedade na qual há uma predominância da produtividade e, conseqüentemente, do consumo, cabe lembrar que a sociedade sofreu revoluções que atualmente explicam o momento em que o saber teórico e prático deixaram de andar juntos. Para Furtado (2002) a revolução burguesa representa a imposição da racionalidade instrumental à organização da produção acompanhada, por sua vez, da revolução científica que proporcionou a valorização da visão da natureza, ou seja, de uma estrutura racional e escrita em caracteres geométricos.

Assim, torna-se imperativo efetuar uma análise, mesmo breve, do sistema capitalista, o qual, para Furtado (2001), tem os seus pilares fundamentados no aumento do esforço acumulativo; na ampliação de possibilidades técnicas; e no crescente acesso a novos padrões de consumo. Através desses pilares, observamos, ao longo da história, um processo de globalização que nada tem de humano, mas tido por Santos (2000, p. 46) como uma globalização perversa, no qual “(...) a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado das coisas”.

Para Santos (2002), os esforços da sociedade deveriam ser gastos na constituição de uma escola apta a formar cidadãos integrais e indivíduos fortes. O que pode ser percebido é que, por meio da globalização, o projeto educacional encontra-se à mercê de lógicas perversas – combinação entre a violência do dinheiro e a violência da informação, produção embaralhada de mundo, impulso para um agir imediato, dispensando a reflexão. Ou seja, Santos (2002) acredita na existência de uma cegueira radical reforçando a aceitação de uma existência instrumentalizada. A partir desta situação, conclui: Há uma “(...) ruptura do equilíbrio, antes existente, entre uma formação para a vida plena, com a busca do saber filosófico, e uma formação para o trabalho, com a busca do saber prático” (SANTOS, 2002, p. 151).

Essa ruptura entre o saber filosófico e o saber prático abre espaço para um retorno às considerações de Chauí (1989) sobre a *ideologia da competência*. Para a autora, esta *ideologia* baseia-se no discurso competente, conceituado como o discurso que “pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro e autorizado (...) porque perdeu os laços com o lugar e o tempo de sua origem” (CHAUI, 1989, p. 7). Com efeito, é com base no discurso e na *ideologia da competência* que se pode melhor questionar a busca de um diploma universitário a qualquer custo. Chauí (2006) traz à tona essa corrida desenfreada para obtê-lo, a despeito, em certos casos, da validade do curso ou da reputação da instituição que o assegura.

O que pretendemos ressaltar é que o diploma confere ao indivíduo uma posição de “competência” em relação aos outros, dando-lhe, por conta daquele, a possibilidade de pleitear um cargo e função de posição superior na hierarquia. Assim, “a universidade alimenta a ideologia da competência e despoja-se de suas principais atividades, a formação crítica e a pesquisa” (CHAUI, 2006, p. 108).

Com base em tais especificações, buscamos avançar na apreensão deste que é o nosso sujeito-objeto de estudo, o aluno do Curso de Administração da universidade pública em questão.

4 Breves considerações sobre a história da administração no Brasil

Para Covre (1980), a implantação dos cursos de administração no Brasil mostra-se como uma faceta do desenvolvimento da ideologia neocapitalista, assinalando que, por meio da mudança e desenvolvimento da formação social brasileira, poderemos encontrar elementos

que nos ajudam a compreender as condições e motivos que levaram à criação dos cursos de administração.

No caso brasileiro, o administrador profissional surge no ano de 1941, quase um século após o desenvolvimento do administrador e da administração nos Estados Unidos. Segundo Barbosa (2002), o que de fato teria sido a ligação inicial entre o ensino norte-americano e o ensino brasileiro ocorreu em 1959, em um convênio firmado entre a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a *United States Agency for International Development* (USAID). Dessa forma, o convênio selava a conexão entre “o ensino de administração norte-americano e a formação inicial dos cursos de Administração no Brasil, ligação esta evidenciada também nos currículos e bibliografias deste período inicial” (BARBOSA, 2002, p. 32).

Um dos “impasses” enfrentados pela administração no Brasil é provocado pela origem americana do curso. Ou seja, o modelo curricular criado objetivava a consolidação dos Estados Unidos como potência hegemônica emergente, por meio da dominação econômica incentivada pelo modelo capitalista de produção (LOVISON, 1992).

Apesar dessa permanência, uma nova abordagem pedagógica para esses cursos não só é possível, como depende do interesse das instituições, decisão que pode ficar à mercê das forças de mercado. Logo, “o paradoxo está em verificar que estes cursos buscam atender demandas de mercado sem manter com aquele um vínculo dialógico que justifique sua reconceitualização” (LOVISON, 1992, p. 24).

Com base em tais pressupostos, é possível afirmar a presença da palavra ética ligada à formação do aluno. Com isso, faz-se necessário adentrar nos fundamentos da condição humana, neste caso, a ética, e em duas especificidades a ela vinculadas: a *práxis* e a formação da consciência crítica.

5 Consciência e responsabilidade: gerando condições para uma crítica à representação

A ética, para os gregos, saber prático inseparável da política (CHAUI, 2005), é na visão de Ruiz (2004, p. 95), “mais do que um conceito definido, é um símbolo aberto e por isso o seu sentido é re-significado continuamente segundo as circunstâncias em que se desenvolvem as práticas humanas”. Dessa forma, a ética é teoria, investigação ou explicação de uma experiência humana ou modo de comportamento dos seres humanos. Sua função fundamental é a mesma de toda a teoria, ou seja, a de esclarecer uma determinada realidade, elaborando os conceitos correspondentes (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007, p. 11).

Para uma aproximação com o conceito de *práxis*, é necessário entendermos que a filosofia moral iniciou com Sócrates, porém, é através de Aristóteles que ocorre a distinção entre **saber teórico** ou **contemplativo** e **saber prático**.

Dessa forma, fazem parte do saber prático a ética e a política. Para Aristóteles, explica Chaui (2005, p. 312), “o saber prático pode ser de dois tipos: *práxis* ou *técnica*. (...) como práticas que diferem pelo modo de relação do agente com a ação e com a finalidade da ação”. Na *práxis* ocorre a inseparabilidade entre o agente, a ação e a finalidade do agir. Também é possível dizer que o agente, o que ele faz e a finalidade de sua ação são a mesma, isto é, são idênticas. Logo, “na *práxis* ética, somos aquilo que fazemos e o que fazemos é a finalidade boa ou virtuosa” (CHAUI, 2005, p. 312).

Assim, falar em *práxis* é falar em uma atividade propriamente humana, a atividade prática, manifestada através do trabalho humano, da criação artística ou da *práxis* revolucionária. A *práxis* se manifesta na medida em que é uma “atividade adequada a fins, cujo cumprimento exige certa atividade cognoscitiva” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007, p. 225). A *educação como prática da liberdade* solicita, diz Freire (1982), seres voltados para a *práxis*. Assim, “(...) é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer” (FREIRE, 1982, p. 28).

Deste modo, uma atividade prática só pode ser considerada como tal na medida em que o sujeito se objetiva, é o resultado da ação (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007). Se há uma inadequação entre o ponto de partida e o ponto de chegada, não é possível afirmar que a atividade esteja na esfera da *práxis* criadora.

Dado que falamos da ética como fundamento humano e da *práxis* como uma atividade adequada a fins, sendo este fim o próprio homem, é somente nesta e em tais condições que é possível falar sobre o processo de conscientização do homem.

Relembrando Guerreiro Ramos (1996, p. 48), a consciência crítica surge “quando um ser humano ou um grupo social reflete sobre os condicionantes históricos e se conduz diante deles como sujeito, superando o colonialismo”. Freire (1982, p. 27) revela, em consonância, que a reflexão realmente crítica “(...) possibilita a compreensão, em termos dialéticos, das diferentes formas como o homem conhece, nas suas relações com o mundo”. Isso vai de encontro à disciplina da ingenuidade presente nas situações educativas onde o conhecimento do mundo, em lugar de ser problematizado, é acriticamente depositado em educandos dos quais nada mais se exige além da memorização.

6 Procedimentos metodológicos

O método utilizado na consecução desse estudo, de tipo qualitativo, foi o Estudo de Caso único (YIN, 2003). Chamamos de único, conforme Yin (2003), porque atenta para um público específico, os alunos do Curso de Graduação em Administração de uma universidade pública. A escolha pelo caso único se apoia nos fundamentos lógicos propostos por Yin (2003), já que acreditamos na sua representatividade.

Para esta pesquisa foram utilizados diferentes instrumentos de coleta de dados, a aplicação de questionários e a realização de um grupo focal.

Os questionários foram aplicados em 11 disciplinas do curso, 10 em caráter obrigatório e uma eletiva, envolvendo etapas consideradas decisivas, bem como as áreas de atuação existentes à época da pesquisa. A aplicação ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2008. Tendo em vista que o curso de administração possuía, à época da pesquisa, uma população de 1256 alunos na graduação presencial, a coleta de dados por meio dos questionários buscou contemplar um número significativo de alunos. Portanto, 11 disciplinas foram selecionadas, com um total de 208 respondentes, correspondendo a uma amostra de aproximadamente 17% em relação à população investigada. Para uma visualização dos dados, ver quadro a seguir:

Disciplina	Etapas	Área de Atuação	Quest. respondidos
Introdução à Administração	1º	Administração Geral	20
Administração Financeira de Longo Prazo	7º	Finanças	19
Administração da Remuneração	8º	Recursos Humanos	04
Planejamento e Estratégia de Marketing	8º	Marketing	06
Gestão e Plano de Governo	9º	Administração Pública	03
Administração da Carteira de Investimentos	8º	Finanças	13
Filosofia e Ética na Administração	4º	Administração Geral	30

Política Empresarial	9º	Administração Geral	25
Visão Sistêmica das Organizações	8º	Produção e Sistemas	29
Psicologia Aplicada à Administração	3º	Recursos Humanos	28
Teoria Geral da Administração	2º	Administração Geral	31
TOTAL			208

Quadro 1 – Disciplinas, Etapas e Áreas de Atuação da Graduação em Administração integrantes da pesquisa

Em relação ao Grupo Focal, foi promovido em outubro de 2008, com seis alunos do curso de Administração. A escolha dos participantes foi intencional, visto que se desejava que todos estivessem vinculados a algum dos grupos de liderança. Identificamos três tipos de atividade aonde os mesmos se encontram inseridos: (1) a empresa júnior formada exclusivamente por alunos do Curso de Graduação em Administração, (2) o Centro Acadêmico (CA) dos alunos de administração, e (3) o Trote Solidário, grupo que se dispõe, como o próprio nome diz, a propor aos calouros outra forma de acolhimento distinta daquela praticada pelo Trote “sujo” ou “brincadeira suja”. Abaixo, é possível verificar quem foram os participantes do grupo de foco e a atividade de liderança desenvolvida em cada caso.

Participante	Grupo de Liderança	Semestre	Idade
1	Trote Solidário	3º	20
2	Trote Solidário/ CA/ Empresa Júnior	4º	21
3	Empresa Júnior	4º	19
4	CA/ Empresa Júnior	2º	19
5	CA/ Empresa Júnior	4º	20
6	Empresa Júnior	4º	19

Quadro 3 – Participantes do grupo focal

A preparação e a análise do material foram feitas com base nos princípios da análise de conteúdo, visto que, segundo Bardin (2004), se trata de um método que possibilita a descrição do conteúdo manifesto das comunicações que são empreendidas e submetidas à interpretação inferencial.

7 Análise de conteúdo realizada a partir dos questionários

Um texto-síntese foi produzido para cada uma das categorias, acrescido de trechos que foram escritos pelos alunos respondentes. Nesses trechos são expressos os significados de cada unidade de análise que as compõem. O quadro a seguir mostra uma visualização das categorias iniciais, intermediárias e finais:

Categorias iniciais	Categorias intermediárias	Categorias finais
1 Quem é o administrador	A) Características da	I) A representação social

2 Responsabilidades atribuídas ao administrador	profissão	do administrador
3 Desempenho do administrador	B) Organização do trabalho	
4 Metas e objetivos		
5 Contexto econômico		
6 Contexto sócio-ambiental	C) Contexto brasileiro	
7 Desenvolvimento tecnológico	D) Mudanças no trabalho	
8 Velocidade das informações		
9 O administrador e a constante atualização		
10 A ética e o administrador	E) A consciência crítica e o administrador	II) A <i>práxis</i> ética do administrador
11 O comprometimento do administrador com o mundo		
12 O ensino da profissão	F) A formação do administrador	
13 Os desafios da profissão		

Quadro 4 - Demonstrativo Geral das Categorias

As categorias finais dos questionários foram obtidas com a derivação das categorias intermediárias, pelo mesmo processo usado anteriormente.

A seguir, o quadro abaixo representa o processo de derivação das categorias intermediárias em finais, e, logo após, a análise dessas categorias.

Categorias intermediárias	Idéias-chave	Categorias finais
A) Características da profissão	O administrador representa o tomador de decisões dentro de uma organização. Deve trabalhar de modo eficiente, buscando atingir os objetivos e metas do local onde atua. O cenário de crise aumenta a concorrência e a competição. Num mundo globalizado, é fundamental o administrador estar sempre se atualizando e saber trabalhar em equipe.	I) A representação social do administrador
B) Organização do trabalho		
C) Contexto brasileiro		
D) Mudanças no trabalho		
E) A consciência crítica e o administrador	O administrador precisa alinhar sua conduta ética com a sua ação enquanto administrador. É preciso se comprometer com as atitudes que são tomadas. Para isso, necessidade de agir com	II) A <i>práxis</i> ética do administrador
F) A formação do		

administrador	consciência crítica. A formação generalista do administrador é questionada pelos futuros administradores. Impasse entre alinhar seus interesses e o da organização, solucionando problemas para ambos. Necessidade de equilíbrio.	
---------------	---	--

Quadro 5: Processo de derivação das categorias finais

7.1 Categoria final I: A representação social do administrador

A categoria final “A representação social do administrador” engloba as categorias intermediárias A – Características da profissão, B – Organização do trabalho, C – Contexto brasileiro e D – Mudanças no trabalho.

“(...) é quem planeja, faz, analisa e toma decisões sobre todos os âmbitos da empresa de forma sintética e sistêmica dos processos.” (Q26)

“Resultados – é o indicador se ele está no caminho certo ou não. Relacionamento – o tipo de relacionamento que ele tem com a equipe, com os clientes, com a organização.” (Q158)

“Crises financeiras, concorrência cada vez maior e problemas ambientais. A escassez de recursos prejudica o andamento das organizações.” (Q24)

“Desafios referentes à globalização e tecnologia. Essas questões trazem desafios novos e influenciam em toda a estrutura e o modo de organização das organizações.” (Q57)

De um modo geral, os alunos enxergam o profissional da administração como o tomador de decisões, com funções de planejamento, coordenação, sendo necessário ter a visão do todo e buscar constantemente, de modo eficiente, atingir os resultados esperados pela organização. Além disso, deve saber se relacionar com as pessoas e equipes e estar atualizado no que concerne as questões econômica, ambiental e social. O administrador do futuro é entendido como um ser humano que se atualiza frente às contingências do mundo atual.

Mas, afinal, o que isso significa? Como é possível entender “de onde vem” e “para onde vai” as opiniões, muitas vezes convergentes, de 208 alunos que tiveram acesso e responderam ao questionário proposto? A partir do enfoque proporcionado pela Teoria das Representações Sociais, é possível compreender que a realidade – entendida como o momento presente e futuro – dos administradores é representada.

Abrie (1997) esclarece que a realidade, uma vez entendida como representada, é apropriada pelo indivíduo ou pelo grupo e, desse modo, integra-se a um sistema de valores dependente do contexto social e ideológico do ambiente no qual o indivíduo ou grupo está inserido. Logo, devemos compreender que toda a representação é uma forma de visão global e unitária de um objeto, mas também de um sujeito.

Isso significa que os alunos entendem a realidade do administrador representada no ideal do administrador que é responsável por tomar decisões, por liderar, por coordenar e por comandar. No entanto, mesmo que seja um líder, é necessário que saiba trabalhar com

equipes, se relacionar bem com os colegas, superiores e subordinados. Ao que parece, essa realidade representada contém uma mistura de teorias organizacionais vistas em sala de aula (Escola Clássica e Escola das Relações Humanas), e, ao mesmo tempo, uma vontade de destacar-se, possuir um cargo de administrador da alta gerência. Desse modo, fica a pergunta: a partir do pressuposto de realidade representada, quem é considerado um profissional bem sucedido nos dias atuais?

Nesse aspecto, Chaui (1989, p. 3) traz à tona o que significa ideologia. Segundo a autora, a ideologia “(...) é um corpo sistemático de representações e de normas que nos ensinam a conhecer e a agir”. Então, aceitamos que nossas representações sociais, enquanto indivíduos e grupos, são influenciadas por um discurso ideológico, entendido como “(...) aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser”. Na medida em que há essa lógica de identificação e unificação do pensamento, linguagem e realidade, é possível que os sujeitos sociais se identifiquem, por meio do discurso ideológico, com uma imagem particular universalizada, a imagem da classe dominante (CHAUÍ, 1989).

Logo, o que queremos afirmar é que a representação social que os alunos da administração fazem de quem é o administrador está embebido em um discurso ideológico. A realidade representada é que o desempenho do administrador relaciona-se muito mais com a eficiência e eficácia de suas tarefas, com os resultados financeiros que ele traz para a organização onde trabalha do que necessariamente a finalidade de suas ações, que podem estar comprometendo a si mesmo, aos outros, e ao meio ambiente.

Uma questão importante a ser lembrada é que as questões ambientais e sociais apareceram como uma categoria inicial no processo de derivação, ou seja, não se trata de afirmar que os alunos não vejam a relevância que estes temas incitam. No entanto, as respostas da maioria dos respondentes sobre o assunto girou em torno de como é possível cuidar do meio ambiente aliando ao lucro das organizações. Embora tenha ocorrido de existirem respostas contrárias ao posicionamento citado, não foi o suficiente para ser considerada uma mudança na lógica do discurso.

O discurso ideológico ao qual fazemos referência segue uma lógica capitalista, que, de acordo com Furtado (2001), pode ser vista no aumento do esforço acumulativo; na ampliação de possibilidades técnicas; e no crescente acesso a novos padrões de consumo.

A busca por sucesso, posições de destaque, e a preocupação com a crise econômica mundial ocorrida em 2008, a concorrência entre organizações privadas e a competição acirrada entre profissionais revelam uma apreensão por parte desses alunos. Quando dizemos “apreensão”, se trata de afirmar o já vínhamos abordando: a realidade representada dos alunos da Administração denota que eles se sentem apreensivos com o que está por vir, pois se torna cada vez mais complexo acompanhar os padrões de acúmulo de capital e de consumo exigidos pela lógica capitalista.

Um fato interessante para esta análise é que a maioria dos alunos acredita que o exercício da profissão será realizado em organizações privadas. Foram poucos os que fizeram menção de ser empreendedor, de querer abrir o seu próprio negócio. Além disso, a administração pública e o trabalho realizado pelo administrador público não foram citados em nenhum questionário. Portanto, o trabalho do administrador, para os alunos, restringe-se ao administrador de organizações privadas.

Cabe lembrar que as respostas não foram unânimes. As representações sociais também dão suporte para explicar tal situação, pois, segundo Jodelet (1997), o conteúdo concreto do ato de pensar contém a marca do sujeito e de sua atividade. E esse último aspecto retorna ao caractere construtivo, criativo, autônomo da representação o qual comporta uma parte de reconstrução, de interpretação do objeto e de expressão do sujeito. Assim, toda e qualquer realidade representada é passível de ser reconstruída a qualquer momento, sendo possível o

surgimento de um novo discurso ideológico e de, quem sabe, uma outra realidade representada a respeito dos administradores.

7.2 Categoria final II: A *práxis* ética do administrador

A categoria final “A *práxis* ética do administrador” engloba as categorias intermediárias E – A consciência crítica e o administrador, e F – A formação do administrador.

“Ética, o resultado é importante, mas as boas práticas da ética e da moral tornam o crescimento da organização mais sólido e sustentável.” (Q67)

“Consciência crítica e não limitação das possibilidades resolutivas. Ética tem de estar por trás, impondo devires, de todas as atividades e possíveis círculos de ação de um administrador...” (Q60)

“A formação diferenciada, visto em qualquer esquina existir um curso superior de administração oferecendo diploma em até 2 anos.” (Q142)

“Ampliar sua capacidade de análise e de crítica para a condução de suas ações. Considerar os diversos indivíduos envolvidos, dentro e fora das organizações, hoje e no futuro.” (Q195)

O processo de derivação dessa categoria traz elementos imprescindíveis para a análise: a *práxis* ética, a formação da consciência crítica e os principais desafios para o administrador.

Desse modo, o agir ético, para Sánchez Vázquez (2007a), envolve a investigação ou explicação de uma experiência humana ou modo de comportamento dos seres humanos. Uma vez que a ética se encontra no fundamento de todas as especificidades do viver (SOUZA, 2004), surgiu o questionamento sobre o alinhamento entre o pensamento e a ação do administrador, dando origem à seguinte pergunta: a *práxis* do administrador é ética?

Cabe lembrar que na *práxis* ocorre a inseparabilidade entre o agente, a ação e a finalidade do agir. Também é possível dizer que o agente, o que ele faz e a finalidade de sua ação são a mesma, isto é, são idênticas (CHAUI, 2005).

Analisando os questionários, percebemos que o questionamento a respeito do agir ético apareceu somente nas respostas de alguns alunos. A impressão que tivemos é que a ética aparece esvaziada de seu conteúdo, ou seja, é citada na medida em que a realidade representada (alinhada ao discurso ideológico vigente) dá a essa “palavra” uma importância. O significado de uma conduta ética não consegue acompanhar a imponência que palavra em si já transmite. A resposta para esse possível embate se revela no não entendimento do que é a ética. Os respondentes parecem não saber o que é a ética de fato, pois demonstram confusão ao tentar relacionar o agir ético enquanto indivíduos com os interesses da organização onde trabalham ou irão trabalhar.

Nesse possível descompasso e dissociabilidade entre a ação ética dos administradores e das organizações, a consciência e a formação da consciência crítica emergem em algumas respostas dadas pelos alunos como condição necessária aos administradores. E, dessa forma, encontramos um impasse ainda maior, pois, segundo Freire (1980), a conscientização não pode existir fora da “*práxis*”, sem o ato ação-reflexão.

A consciência crítica emerge quando há uma reflexão de um ser humano ou um grupo social sobre os condicionantes históricos (GUERREIRO RAMOS, 1996). Logo, observamos que alguns respondentes reconhecem o agir ético e o pensar criticamente necessários quando afirmam que o lucro não deve ser a motivação final dos seres humanos e das organizações e que devemos preservar o meio ambiente acima de tudo.

Outra questão a ser lembrada trata da formação do administrador. Os alunos entendem que a formação generalista, embora traga vantagens em relação à amplitude de opções de áreas de trabalho, também possui desvantagens. Uma delas é a competição com profissionais com outras graduações, como engenheiros, economistas e contadores. Além disso, o fato de existirem muitos cursos de graduação em Administração faz com que os futuros administradores tenham a concorrência entre os candidatos.

Desse modo, também é trazido à tona que os respondentes acreditam que a busca pelo equilíbrio é o principal desafio para o administrador na atualidade. Ou seja, o administrador precisa se destacar em relação aos concorrentes, pensar criticamente e agir eticamente levando em consideração questões pessoais, sociais, do meio ambiente e da organização. De novo nos perguntamos: até que ponto isso é possível?

Se a *práxis* ética do agente parte da premissa que, aquilo que ele faz, e a finalidade de sua ação, são idênticas, podemos afirmar que a ética do indivíduo quando aliada à busca constante do lucro pelas organizações é uma ilusão. Na medida em que eu trabalho dentro de uma organização, por exemplo, que polui rios ou que vende produtos que fazem mal à saúde, eu não posso permanecer afirmando que minha *práxis* é ética.

Logo, a confusão gerada entre os diferentes fundamentos (ética, *práxis* ética, consciência crítica) surge a partir do exercício da reflexão crítica – por meio da análise dos condicionantes históricos – que nos coloca à prova e nos revela a dimensão do que pode ser considerado ilícito ou injustificável para a ética.

Dessa forma, a partir do processo de derivação dessa categoria, é possível afirmar que o desafio de alinhar os elementos (ética, consciência crítica e trabalhar em organizações) de modo a encontrar um equilíbrio entre o pensar criticamente e agir eticamente permanece.

8 Análise de conteúdo realizada a partir do grupo focal

A análise de conteúdo do Grupo Focal busca interpretações sobre a representação social que o aluno da EA/UFRGS faz de quem é o administrador, assim como indicações sobre a conduta ética e a formação da consciência crítica.

O quadro a seguir apresenta as categorias iniciais e finais:

Categorias iniciais	Categorias finais
1 Relacionamento interpessoal e o administrador	A) A representação social do administrador
2 O futuro administrador	
3 O ensino da administração na universidade pública	B) Crítica à formação do administrador
4 Alunos do diurno X Alunos do noturno	

5 Semana Acadêmica da Administração	
6 O papel da universidade	

Quadro 6 – Grupo Focal: demonstrativo geral das categorias

8.1 Categoria final A: A representação social do administrador

A categoria final “A representação social do administrador” engloba as categorias intermediárias 1 – Relacionamento interpessoal e o administrador, 2 – O futuro administrador. A primeira categoria final do Grupo Focal, “A representação social do administrador”, através de um processo de derivação e síntese das categorias iniciais.

Para esses alunos em particular, o relacionamento interpessoal é prioridade, deve vir antes do conhecimento técnico. Desse modo, não se trata de afirmar que o conhecimento técnico não é importante, mas ele pode ser adquirido na graduação, em cursos técnicos, em treinamentos, etc. Para este grupo, a chave para o sucesso do futuro administrador é saber se relacionar, pois, como foi dito pelo entrevistado número 3, “as pessoas são contratadas pelo conhecimento técnico e demitidas pelo comportamento”. Assim, o profissional da Administração, para ser considerado alguém com capacidade de lidar com pessoas, deve saber se comunicar bem, ser dinâmico e saber lidar com mudanças, ser flexível.

Além disso, essa flexibilidade que o administrador deve ter resulta da mudança que o mundo está vivenciando. Os alunos afirmam que os modelos que antes eram seguidos podem não ser mais os mesmos, ou seja, eles reconhecem, embora não falem em representações sociais e ideologia, que pode haver transformações mundiais.

8.2 Categoria final B: Crítica à formação do administrador

A categoria final “Crítica à formação do administrador” engloba as categorias intermediárias 3 – O ensino da administração na universidade pública, 4 – Alunos do diurno X Alunos do noturno, 5 – Semana Acadêmica da Administração e 6 – O papel da universidade.

A categoria final “Crítica à formação do administrador” revela uma insatisfação por parte dos alunos em relação à instituição. Ao abordar a questão do processo de atualização curricular, vantagens e desvantagens, um dos participantes demonstrou não gostar das aulas ministradas. Logo, iniciou-se um debate sobre o conteúdo dado em sala de aula e o modo como esse conteúdo é transmitido.

A realização do Grupo Focal mostrou que os alunos se desestimulam nos primeiros semestres em virtude do excesso de carga teórica nas cadeiras iniciais. Um dos alunos disse não ver “utilidade”, e que gostaria de ver em aula assuntos mais práticos. No entanto, outros participantes afirmaram também terem tido o mesmo sentimento no começo da graduação, mas que, ao assistirem disciplinas consideradas por eles “mais práticas”, conseguiram enxergar a importância do estudo teórico. Afirmaram que o estudo teórico possibilitou entender o contexto, e que, se tivessem assistido a aulas da metade e do fim do curso sem terem cursado as iniciais, provavelmente não teriam compreendido nada.

Outra questão levantada pelo Grupo Focal trata da diferença entre os alunos que frequentam as aulas de manhã e os alunos que estudam à noite. Para os participantes, ambas as situações apresentam vantagens e desvantagens. Os alunos que estudam de manhã são considerados “alunos de colégio”, pois geralmente são jovens inexperientes na atividade: não

estagiam e nem trabalham. Conquanto possam ser considerados “imaturos” em virtude da idade, eles dispõem de tempo para se dedicar às leituras e estudar com afinco. Os alunos do curso noturno possuem outro perfil. Em geral são mais velhos e exercem atividades profissionais durante o turno da manhã e da tarde. Se, por um lado, a experiência e a “maturidade” podem enriquecer a aula com exemplos da vida prática, por outro, a falta de tempo para se dedicar aos estudos e leituras pode trazer prejuízos ao desempenho enquanto aluno da graduação.

A Semana Acadêmica organizada pelo Centro Acadêmico em outubro de 2008 e reconhecidamente inovadora também foi bastante debatida. Questionaram-se sobre o papel que a universidade e os professores exercem e o que eles representam em suas vidas. Ou seja, afirmaram que se sentem desmotivados, pois a Semana Acadêmica foi organizada para que os alunos fossem liberados de suas aulas e que os professores também comparecessem, possibilitando uma maior interação professor-aluno.

9 Considerações finais

Nesta pesquisa objetivamos analisar as representações que os alunos fazem de quem é o administrador a partir do fundamento da ética e da *práxis* enquanto agir consciente e responsável, ultrapassando, em tais condições, o âmbito da atividade.

A análise de conteúdo realizada com os questionários abrange diversos aspectos acerca do que representa o futuro administrador para os alunos. Dentre as categorias que emergiram nesse estudo, observamos a ênfase na concepção do administrador que lidera, é adaptável a diversas situações, é preocupado com o meio ambiente e com os resultados que pode e deve trazer para a organização na qual trabalha.

A realidade representada dos alunos é revelada através do senso comum, ou seja, de expressões de sentimentos e opiniões subjetivas, e que são, na sua maioria, generalizadoras. Logo, nossas certezas cotidianas podem se cristalizar em preconceitos com os quais passamos a interpretar toda a realidade que nos cerca e todos os acontecimentos (CHAUI, 2005).

Portanto, trabalhamos com a proposta de que o senso comum, ao cristalizar o preconceito sobre determinado assunto, aliado a um discurso ideológico, provoca uma espécie de “engessamento” da realidade, onde não há espaço para um “ser-em-situação” se movimentar e refletir sobre os condicionantes históricos. A superação do senso comum ocorre quando nossa consciência moral nos coloca à prova, ou seja, nos exige que, sem sermos obrigados pelos outros, decidamos o que fazer, “(...) que justifiquemos para nós mesmos e para os outros as razões de nossas decisões e que assumamos todas as conseqüências delas, porque somos responsáveis por nossas opções” (CHAUI, 2005).

Isto posto, nos perguntamos como é possível o despertar da consciência moral e a existência de uma *práxis* ética do futuro administrador se, aqueles que estudam para ocupar esses lugares, continuam a afirmar que o lucro da organização deve estar aliado à preservação ambiental, ou que há uma coerência em afirmar que há uma “ética do indivíduo” e uma “ética da organização”?

Desse modo, percebemos que há uma dissociação entre ação e pensamento, pois, os respondentes reconhecem a imprescindibilidade da ética conduzindo as ações dos seres humanos. Porém, no momento em que a ética “exige” a *práxis* de um indivíduo ou de um grupo, ela acaba por encontrar barreiras que se mostram incontornáveis, a começar pelas organizações que priorizam o lucro, custe o que custar.

A adaptabilidade e a capacidade de ser flexível, características pessoais que os alunos consideram importantes, refletem a instabilidade do contexto que vivenciamos. Nos defrontamos com uma competição acirrada entre indivíduos e entre organizações dentro de um contexto de crise mundial, ou seja, a realidade representada – e reforçada pelo discurso ideológico – nos mostra que as pessoas são facilmente substituíveis por outras.

Uma forma de driblar as circunstâncias apresentadas entende que devemos nos especializar, buscar uma educação formal, um curso de graduação, por exemplo. Através da análise realizada, podemos observar que as respostas dadas nos questionários explicitam a preocupação concernente à formação. A análise revela que os alunos receiam a disputa de vagas de emprego com outras áreas de atuação (por exemplo, engenheiros, contadores), além de se questionarem sobre a quantidade de faculdades de Administração existentes no Brasil e de administradores que, por conta disso, se formam todos os semestres, incluso a possível concorrência com os cursos técnicos profissionalizantes e faculdades tecnológicas muito em voga atualmente.

A partir do que foi exposto, é no mínimo elucidativo traçar um paralelo com a Ideologia da Competência. Chaui (2006, p. 108), afirma que, face ao desemprego, os indivíduos cursam a universidade porque o diploma é exigido pelas organizações, posto que o diploma é considerado um instrumento de seleção. Dessa forma, “os jovens universitários estão convencidos de que sempre foi e sempre será assim, e que a função da universidade é adaptar-se às exigências das organizações empresariais”. Consequentemente, a universidade alimenta a Ideologia da Competência na medida em que se despoja de suas principais atividades, ou seja, a formação crítica e a pesquisa.

É nesse instante que se torna pertinente trazer à tona a questão levantada pelos alunos participantes do Grupo Focal. Qual o papel da universidade? Durante a realização do Grupo Focal, ficou evidentemente marcada a crítica ao atual ensino da Administração. Para os alunos, seguindo a lógica da Ideologia da Competência, é interessante ir às aulas para obter o diploma e adentrar o mundo dos competentes. E para a universidade? O que é mais interessante? Trabalhar na superação do discurso ideológico competente ou reforçá-lo?

De acordo com os participantes do Grupo Focal, há um esforço empreendido por parte de alguns alunos com vistas a superar esse que vai ao encontro dessa superação. Isso pode ser percebido na realização atividades de integração entre os alunos de diferentes semestres, ou, por exemplo, na Semana Acadêmica, organizada pelo CA, e que possui como finalidade uma maior aproximação entre alunos da graduação e profissionais da Administração que atuam em diversas áreas.

Embora existam essas iniciativas que partem dos alunos da graduação da instituição estudada, é fortemente reivindicada pelos mesmos a condição de se sentirem apoiados pela referida instituição de ensino. Quando falamos instituição de ensino, nos referimos ao curso Administração, entendido como um conjunto de inter-relações e que possibilita uma relação de reciprocidade entre professor e aluno. Ora, para que as iniciativas promovidas pelos alunos continuem a existir, é importante, tal como explicitado acima, que elas sejam reconhecidas e incentivadas pelos professores.

Se a instituição estudada valoriza uma atuação profissional centrada no discurso ou na atividade, como poderemos pensar na transformação e superação do discurso competente? Ou melhor, na medida em que a o ensino de administração o potencializa, dando prioridade às demandas empresariais, até que ponto essa abordagem também não contribui para a desconexão entre pensamento e ação, impossibilitando, de certa forma, a *práxis* ética do administrador?

Não se trata evidentemente de apontarmos um culpado e sim de gerar uma reflexão crítica fundamentada nas evidências geradas por esta pesquisa e dos questionamentos que, sob tal condição, este estudo suscita. Reconhecemos que há uma limitação de espaço, e, portanto, não foi possível explicar detalhadamente todas as categorias. Há também a questão da data em que os dados foram coletados, em 2008. Neste caso, acreditamos que ainda são válidas as descobertas e convidamos aos interessados que novos questionários e grupos focais sejam reaplicados, sendo possível realizar uma comparação. Assim, nosso desejo mais sincero e lúcido é que essa pesquisa permita levar a novos estudos, buscando um agir ético, uma

indissociabilidade entre pensamento e ação, uma reflexão sobre aquilo que nos condiciona enquanto seres humanos, e, por fim, a superação das condições que impedem a transformação da realidade através da formação da consciência crítica.

10 Referências

- ABRIC, Jean-Claude. **Pratiques sociales & représentations**. 2ª ed. Paris: Presses Universitaires, 1997.
- BARBOSA, Maria Cristina Mesquita. **A formação do administrador de empresas na sociedade global: perspectivas e contradições do ensino da filosofia e da ética**. Campinas, dissertação de mestrado Unicamp, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. 4ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 1989.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13ª ed. São Paulo, SP: Ática, 2005.
- CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. 2ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2006.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **A formação e a ideologia do administrador de empresa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6ª ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1982.
- FURTADO, Celso. **O capitalismo global**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2001.
- FURTADO, Celso. **Em busca de novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea**. 2ª ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996, p. 9-112.
- IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2000.
- JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires, 1997.
- LOVISON, Aida Maria. Preparando administradores para o século XXI – Um desafio original. In: Encontro Nacional da ANPAD, 16, Canela, RS. **Anais**. Canela, RS: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 1992, vol.3, p. 19-33.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1969.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- RUIZ, Castor M.M. B. A Ética como Prática de Subjetivação: Esboço de uma Ética e Estética da Alteridade. In: PIVATTO, Pergentino S. (org.) **Ética: Crise e Perspectivas**. Coleções Filosóficas, n 182 Porto Alegre, Edipucrs. p. 95-163, 2004.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo, SP: Publifolha, 2002.
- SOUZA, Ricardo Timm de. **Uma introdução à Ética contemporânea**. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2004.
- YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.